

# Frente Liberal tem solução para a melhoria do ensino

Elson Soares

Uma maior autonomia da universidade brasileira, descentralizando a sua atuação, com a consequente integração à comunidade — incluídos aí todos os sistemas educacionais, numa nova Universidade voltada para todos os anseios da sociedade, comprometida com o desenvolvimento político, econômico e social do País. Esta, a proposta básica que a Frente Liberal, através de uma comissão encarregada de colher subsídios para a área educacional, encaminhará ao presidente eleito Tancredo Neves para ser incluída em seu programa de governo.

Segundo a professora Ana Maria Mendonça, uma das responsáveis pelo documento, caberá fornecer uma maior flexibilidade à Universidade, capaz de incorporar soluções novas e propostas não-convencionais. Isso proporcionará habilidade suficiente à Universidade, que se fará, a partir daí, mais presente no debate dos temas que digam respeito ao desenvolvimento nacional.

Uma das preocupações da Frente Liberal, observa Ana Maria Mendonça, diz respeito à escassez de recursos financeiros destinados à área educacional, "que atormenta não apenas as universidades federais, mas também as privadas". Isso porque, acentua, o governo, que já chegou a aplicar em uma única universidade recursos superiores aos orçamentos de muitas secretarias de educação, praticamente abandonou, hoje, esse setor. As próprias escolas particulares, salienta, se encontram em dificuldades porque seus alunos, em consequência do achamento salarial, não estão em condições de pagar as pesadas anuidades. Para ela, lembrada, junto com o senador Aderbal Jurema (PFL/PE) para suceder a ministra Esther Ferraz na pasta da Educação, "se, por um lado, as instituições privadas buscam auferir o máximo rendimento dos recursos aplicados, elevando os custos da relação aluno/professor — aproveitando em muitos casos, até exageradamente, o seu espaço físico, equipamentos e instalações — de outro, as instituições federais mantêm uma notável ociosidade de espaço físico, equipamentos e instalações".

Apos ressaltar que uma das propostas visa ao funcionamento das universidades federais à noite, justamente para aproveitar a ociosidade física, a professora, referindo-se ao sistema educacional brasileiro como um todo, afirmou que o analfabetismo, se colocado na balança, tem peso mais negativo do que os maiores problemas, "como a fome, os cataclismos, a corrupção e a inflação". "A ignorância — disse — é o mal maior de um povo. É como uma vinda que impede a visão de soluções que podem estar ao alcance da mão; ela permite os constantes atos lesivos ao interesse do homem; é responsável pelos tabus, pelas superstições, pelo atraso".



Ana Maria Mendonça

O governo Tancredo Neves, de acordo com Ana Maria Mendonça, deve estar atento ao analfabetismo e à ignorância, "que andam de braços dados". Porque, acrescentou, caso não mereça uma atenção especial, esse mesmo analfabetismo — que atinge cerca de 30 milhões de brasileiros com mais de dez anos — continuará vendendo a má imagem que se tem do Brasil no exterior. A esse respeito, ela lembrou que a Argentina, erradicou o analfabetismo há 50 anos; Cuba, há 20 anos e a Nicarágua, que vive permanentes crises internas, já há três anos tem todo o seu povo alfabetizado. Para a sua eliminação no Brasil, Ana Maria Mendonça entende que falta decisão política, uma vez que, afirma, a educação não tem sido prioridade "nem mesmo na literatura das intenções governamentais".

Com Tancredo Neves, porém, a Frente Liberal espera reverter esse quadro. Para tanto, a principal prioridade que se propõe é a erradicação do analfabetismo, com a provisão do ensino fundamental obrigatório para todos; extensão do ensino pré-escolar à população na faixa etária correspondente, com o fornecimento de alimentação às crianças impossibilitadas de alimentar-se em suas casas.

Para se eliminar, como se pretende, o analfabetismo em quatro anos, a Frente Liberal propõe a constituição de um pacto envolvendo o governo e todas as forças sociais lutando com os mesmos objetivos, "porque, com centralismo e inércia", afirma Ana Maria Mendonça, "não chegaremos a lugar nenhum".